

Há dinheiro para os cavalos do circuito hípico mas para a instrução não há verba

Anteontem, um amigo nosso, estudante duma Universidade, contava-nos com mágoa que no museu de História Natural da Faculdade de Ciências chove com abundância. Aquele museu é dos mais valiosos e interessantes. A sua utilidade com referência ao estudo de ciências naturais é, como se compreende, importantíssima. Possui exemplares raríssimos, alguns fósseis curiosos e esplêndidas colecções de aves embalsamadas das mais distantes regiões do globo. Um museu dessa natureza num país organizado seria objecto dos maiores cuidados e atenções.

Em Portugal, não tem verba para se manter. O Estado, não querendo gastar dinheiro, deixa deteriorar e perder um museu que vale infinitamente mais do que a verba necessária à sua conservação. A chuva vai-se infiltrando no museu. Um ping de água que caia sobre algum daqueles exemplares delicados de aves é o bastante para destruí-lo. As pessoas a quem compete zelar pela conservação daquelas preciosidades científicas, sabemos-lo, são as primeiras a lamentar o que se está passando; mas a falta de verba obriga-as a ver, de braços cruzados, impotentes, a lenta destruição do que, mesmo por dinheiro, facilmente, por vezes, se pode substituir.

Este facto que apontamos é a repetição de uma série infinita de factos que ocorrem, presentemente, em quasi todas as escolas e universidades do país, cuja manutenção esteja a cargo do Estado.

Tudo se perde, nada funciona normalmente—por falta de verba. Nos liceus e nas escolas de ensino superior, as aulas práticas de física e de química e os laboratórios lutam com falta de materiais, de aparelhos que tornem proficuo esse ensino práctico. E' necessário, por vezes, improvisar aparelhos para se poder realizar um certo número de experiências. O ensino, assim, torna-se deficiente e enfadonho para o aluno e para o professor.

Pois, a-pesar da instrução se encontrar abandonada, esquecida dos poderes públicos, ainda há quem se assuste perante a hipótese de ser feita a efeito a projectada reforma de instrução.

Admira-nos, porém, que o Estado nunca tenha verba, já não diremos para reformar, mas para manter decentemente as instituições escolares, quando é certo que o tem para pagar os cavalos que, numa prova hípica estúpida e bárbara, rebentam em proveito do *Diário de Notícias*—em proveito dos bons negócios do *Diário de Notícias*.

Calcula-se em 150 contos o valor dos cavalos inutilizados no circuito hípico de Portugal. Os cavalos eram do Estado—o Estado é que perde. Quem espatifou esse dinheiro? Alguns oficiais do exército que têm tempo para estas paródias cavaleiras. Bem basta o que a oficialidade, a manutenção do exército custam ao país (279 mil contos), bem basta isso! O exército não tem outra missão em Portugal senão a de gastar o dinheiro que o Estado arranca à pele do povo.

E' sintomático este contraste: enquanto oficiais do brioso exército espatifam numa corrida de cavalos dezenas e dezenas de contos, o museu de História Natural da Faculdade de Ciências luta com falta de verba, os hospitais não têm recursos, as escolas não têm as rendas das casas pagas em dia, o professorado luta com o desemprego.

E' este um dos mais curiosos aspectos que a sociedade portuguesa nos oferece neste momento.

A Turquia contra o ensino religioso

STAMBUL, 6.—Mustafá Kemal inaugurando a nova faculdade de direito de Angora, declarou que a Turquia republicana repudiou o antigo direito religioso escatológico, e fundará um novo direito sobre a base laico-científica.

A comissão encarregada de preparar a introdução do código suíço terminou já os seus trabalhos.

O desarmamento da Alemanha

PARIS, 6.—O conselho dos embaixadores está preparando uma nova nota sobre o desarmamento da Alemanha, a qual contém cinco pontos, que devem estar cumpridos antes da evacuação da zona de Colónia.

CARTA DO PORTO

Um aspecto bizarro da campanha eleitoral em que se cobre a sujidade das paredes e se descobre a dos políticos

Chove... eleitoralmente falando. Os anécdotos da endiabrada política cidadina aparecem à supuração da lama das clientelas partidárias...

Quem tem exultado com esta verdadeira enxurrada de promessas cativantes, têm sido as tipografias. As paredes das avenidas, ruas, travessas e vielas da cidade do Porto nunca estiveram, como nesta ocasião de procela urnácea, tão salpicadas de manifestos e cartazes de tão variadas cores e de tão interessantes tamanhos.

Dir-se-ia que a Grande Porca das facções que se propõem escalar o parlamento, se apostaram, ao verem a inundação de muitas fronteiras de edifícios, em forr-las de «pan-fletos» de civismo caciquiário. E' natural que o papel, a tinta e o grude encareçam depois do acto eleitoral — tal é o desusado desbarato que aquelas matérias primas, que podiam ter outra utilidade de maior agrado para a humanidade, têm apanhado nos últimos dias...

Os manifestos de propaganda candidatura, porfiem-se, num desafio de box messiânico e moralão, em duas distintas categorias. Quer dizer: bipartem-se por um «asterisco» de duas referências diversas.

Na primeira parte, a praga dos programas dos que se propõem acachapar-se em cima do nosso lombo, tricromiam os efeitos duma girândola de verdadeiras promessas tentadoras: é um autêntico arco-da-velha iriado de frases bombásticas, de palavras mais doces do que o torrão de Alicante, de sorrisos mais fascinantes, mais estonteadores, do que os duma mulher «queimadora»... Os prometidos, os salvadores, atropelam-se numa solicitude de nos elevar, a nós, pais degradados, até aos píncaros da lua cheia... de ironias argentinas.

Oh! mas a segunda parte!

Faz-nos lembrar uma luta titânica entre amantes ciumentos anavalhando-se num alcoice asqueroso... E' uma chuva amaneiradinha de insídias traiçoeiras, que termina por forte aguaceiro de insultos; de acusações, de apodós sangrentos: simulação, são honrados e gatunos...

E' justamente por isto, que os fabiosos prosélitos dos «mil-e-um» candidatos que há-de ser votados no domingo entre mólho de sangue (é o que toda a gente espera), se vão antepadamente entreteendo a rasgar os manifestos e cartazes uns dos outros...

E' claro: na apresentação dos exemplares partidários que são propostos para amanhã nos domares, as apostrofes jogadas são as mesmas que estão «estiladas» nos manifestos empastados pelas esquinas do burgo...

Nem para outra coisa se têm efectuado os comícios das várias nuances, a um dos quais veio um general escamado: o general Gomes da Costa...

Entre toda esta trágico-comédia eleitoral, o que mais constitui funda emoção foi o tristíssimo concubinato firmado entre os dirigentes dos «bons» e dos chamados socialistas. Este «amigo» moral da social-democracia com o partido democrático conservador, causou uma péssima impressão mesmo entre muitos daqueles que viam no socialismo dos nossos marxistas uma esperança... a esperar...

«Que decepção! Que desdó! Que vergonha!» eis o estado de espírito de muita gente...

E' diz-se: o partido socialista, indo de casa e pucarrinho, para as urnas com o partido democrático, vai implicitamente de pândega com os católicos e os nacionalistas para a burla eleitoral...

O anécdot popular observa: «os amigos dos nossos amigos nossos amigos são».

Logo, pois, constituindo o partido democrático um front nacional para a guerra do sufrágio, para cujo front os nacionalistas e católicos deram em alguns pontos do país, a sua aliança por conveniência partidária—os socialistas tornaram-se, *ipso facto*, amigos dos nacionalistas e monárquicos-católicos, desde que também pactuaram com os democráticos silvistas, ingressando, nesta «conflagração» de listas a pretendentes ao sofá parlamentar, nas fileiras urnáceas dos «bons»...

«Por isso—dizem-nos aqui do lado—no comício, ou por outra: na conferência que António Maria da Silva fez em Barros Lima, aquele perseguidor do operariado, ao falar da necessidade que os trabalhadores «devem» ter pela defesa... eleitoral da sua república gamelétrica, se virava de vez em quando para o candidato a senador pelo partido socialista portuense, perguntando-lhe: «Não é verdade, sr. Manuel José da Silva? Já nesta ocasião se devia conhecer o gigante pelo dedão»...

O pacto odioso dos socialistas tornou-se tanto mais indigno, quanto é certo que o proletariado, mesmo o votante, sabe muito bem que o partido democrático tem sido precisamente aquele que mais tem perseguido a organização operária, que mais tiranias tem exercido sobre o povo trabalhador.

E' por isso mesmo que se diz, à boca cheia, que uma corrente de socialistas discordantes com o «amigo» vai amenizar o fiasco desta maneira: aproveita-se dos nomes socialistas na lista democrática, fisco dos candidatos silvistas—conservadores e substitui-os por... dominguistas, esquerdistas (canhotos). Assim, os «bons» votam pelos socialistas e estes—à parte disidente—votam por si e pelos canhotos. Estarão os «bons» pelos altos?

Quem, também, não gostou da partida, do abandono a que foi deixado, foi... o grupo comunista.

«Mas que querem, se o partido «bonz» dá mais votos? E isto é de quem mais dá...»

«Mas o proletariado ainda tomará a sério esta farsa?»

C. V. S.

O mercado dos mortos, feito pelos representantes das agências funerárias, é a última imoralidade do hospital de São José

A evocação dessas figuras de tragédia que subrepticamente se ocultam nas encruzilhadas do átrio do hospital de São José põe um ponto final na impressionante reportagem do deplorável estado em que se encontra o velho estabelecimento hospitalar.

Vamos respeitar as proporções do seu colorido, afastando atavismos literários que engrandecem o estilo da prosa, roubam-nos, entretanto, no poder da imagem: que queremos focar.

Essas figuras de tragédia, que o leitor já adivinhou tratar-se dos representantes das agências funerárias, formam como um bando de corvos, que caem sobre as pressas que caminham com o coração alanceado pela dor. Vimos ali bastantes desses agentes, expressão envenhada, olhar sinistro, que procuravam servir as últimas migalhas de uma pobre mulher a quem morrera o marido!

Não é recente o estágio daqueles cavaleiros no local onde os encontramos. Procedem de há muito tempo. Quanto mais dias se passam, maior vai sendo a associação desses indivíduos.

Assim que se lhes deparou a vítima do nosso caso, quatro daqueles abutres caíram sobre a desgraçada que naquele momento só carecia de palavras de conforto, só precisava que a cumulassem de carinhos.

A primeira interrogação é revestida de mais baixa hipocrisia:

—Que lhe succedeu minha senhora?

—Morreu-me meu marido...

E a frase é cortada por choro convulsivo que gela os circunstantes. Para esses cavalheiros não há perturbações possíveis. Sem perderem um ápice daquela emergência, comentam logo, num misto de piedade e de ódio:

—Tenha paciência. Agora já não há remédio. Pense apenas no enterro, que é o melhor que tem a fazer...

A pobre paciente, num estado de exaltação grande, vê passar na sua febril imaginação a vala comum para onde são arremalhados os cadáveres que não são requisitados...

Então num golpe de morte o abutre tenta a última investida:

—Ninguém como eu se pode encarregar do enterro...

A frase brutal cai desalmadamente sobre o cérebro da vítima que se entrega sem relutância de maior:

—Que hei-de eu fazer? Se vou para outro lado ainda me custa mais caro!

Senhor da presa, o agente funerário tem ainda que lutar com o concorrente.

O seu colega representante doutra agência funerária pretende agora roubar-lhe o freguês. Oferece-se para organizar o funeral por um preço inferior, com superiores vantagens, etc., etc.

A vítima, presa de dor pela perda do parente, não tem tempo de negociar. Por qualquer preço lhe convém.

O cadáver é que não pode ficar no hospital, nem deve ir para a vala...

Um amigo nosso, que faz serviço há muitos anos no hospital e que acidentalmente se encontrava no prosceio de toda aquela tragédia, conta-nos o seguinte:

—A exibição deste espectáculo vem de há anos. Ultimamente, com o aumento da mortalidade, cresceu o número dos representantes de agências.

«Além de» conflagradora, a scena que vocês acabaram de ver é imprópria da nossa civilização.

«Não há o direito, por maiores que sejam as suas prerrogativas, de uma multidão de ambiciosos invadir o hospital para realizar um macabro mercado de mortos!»

O nosso interlocutor, que falava com calor, suspende a narrativa como que impressionado. Com a frase que proferiu. Depois, com mais veemência:

—Calculem os meus amigos o que é viver-se cotidianamente este espectáculo!

—Estas scenas são diárias?

Houve um sorriso do nosso amigo, pela

ingenuidade da pergunta. Depois diz-nos: —Morrem anualmente 2.500 pessoas nos hospitais, fornecendo o de São José a percentagem maior.

—Admitamos que vão para a vala 500. Ficam 2.000 mortos sujeitos ao mercado!

—Não há maneira de acabar com a macabra concessão?

—A mim parece-me que não. São direitos adquiridos de que ninguém se quer ver esbulhado.

«Todavia parece-me que a Liga dos Amigos dos Hospitais tinha aqui um ensejo bom para poder marcar: Fazer acabar com este espectáculo, indecoroso de exibição e imoral de costumes.

«Por sua vez a administração dos hospitais, no interesse dos próprios estabelecimentos que superintende, organizaria ela os funerais».

—Pode explicar-nos em que condições a administração faria os enterros?

—Duma maneira simplíssima. Ampliava a oficina de carpinteiro, criando a secção de caixões».

«Com a isenção de algumas formalidades de que o hospital gosa, cada enterro poderia ser feito num máximo de 150\$000, metade do que cobre uma agência funerária. Admitamos agora que as despesas do funeral orçavam por 100\$000. Ai tens tu que cada funeral podia dar ao hospital um lucro de 50\$000 e à família do extinto uma vantagem de 150\$000.

O nosso entrevistado passa agora a referir-se ao destino que deveria levar esse dinheiro.

—Computado em 2.000 o número de mortos, logo tínhamos para a Administração dos Hospitais 50\$000 x 2.000 = 100.000\$000.

«E' um alvitre de que vocês podem fazer-se eco. Se for aproveitável... Um aperto de mão dava por finda a conversa com o nosso amigo que ainda nos forneceu outros subsídios.

Mas agora vamos à reportagem do hospital do Rêgo que deve iniciar-se na terça-feira.

Notas & Comentários

Um padre delicado...

Escreve-nos um leitor protestando contra a forma como o padre Alvaro dos Santos tratou uns noivos e respectivos convidados num casamento que se realizou, no domingo passado, na igreja de Santa Isabel. Os cavalheiros que tinham entrado na igreja apenas por delicadeza para com os noivos, e nunca por convicção religiosa, não se ajoelharam. Isto bastou para que o padre Alvaro os descompuzesse e criticasse os trajes das senhoras, que aliás iam decentemente vestidas. Por fim, terminado o acto, o sacristão disse às pessoas que esperavam no adro que os noivos saíam pela sacristia—porque para escândalo já bastava. O padre foi, de facto, insolente; mas ocorre-nos perguntar aos noivos e convidados: se não tinham fé, nem desejavam ser matriculados, para que foram à igreja?

Generosidade...

O coronel espanhol Gimenez Arroyo era um dos responsáveis do desastre do Anual. Foi julgado e condenado a 20 anos de trabalhos forçados. O rei de Espanha, porém, mandou-o pôr em liberdade, e prefato de que um filho do coronel morreu no Riff. Foi a generosidade de Afonso XIII classificada o século de «nobreza romântica». Onde está a nobreza e o romantismo do soberano espanhol? Parece-nos que salvar da prisão um homem que pertence à casta ditatorial que impera em Espanha não representa mais do que a concordância do rei com a ditadura militar. Os operários condenados que o digam...

AS ELEIÇÕES



O povo soberano, exercendo a sua soberania, elige os políticos que há de escravizá-lo.

João Maria Major, vítima duma cabala

A BATALHA ouve no Governo Civil declarações importantes do agressor do industrial Artur Silva, de Setúbal

Ontem, pelo telefêno, A Batalha foi convidada pelo agente José Augusto, da P. S. E., a ir ao Governo Civil assistir a um interrogatório de Manuel dos Santos Quintas, aquele operário de Setúbal que há meses disparou uns tiros contra o industrial Artur Silva, agressão que serviu de pretexto à detenção do director da *Voz Sindical*, nosso camarada João Maria Major, acusado de ter inspirado e armado o agressor.

Este convite foi o efeito de uma local ontem por nós publicada em referência a uma carta que recebemos de Santos Quintas e em que este declara ter sido coagido pela polícia de Setúbal e subornado pelo industrial Silva para envolver no caso João Maria Major.

Academemos gostosamente ao convite, pelo desejo de contribuírmos para o esclarecimento deste escuro caso em que a liberdade e a boa reputação dum homem está sendo joguete do torvo ódio de meia dúzia de magnates, da polícia subornada e da fraqueza dum outro homem.

E se por um lado nos não são gratas as visitas aos meandros da polícia, porque o estendal de misérias morais que ali polula colide com os nossos sentimentos, por outro iríamos ainda que fôssemos ao inferno para desnudar a Verdade.

Por isso, foi num a vontade natural que nos encontramos ante o agente de polícia José Augusto, que, diga-se de passagem, delicadamente nos recebeu, mesmo sem declinarmos a nossa identidade, visto que já nos conhecemos... um conhecimento de adversários, bem entendido.

Cumprimentamo-nos; porque a nossa qualidade de revolucionários não obsta, antes pelo contrário, a que sejamos delicados e correctos, com amigos e inimigos.

Curta troca de palavras:

—Chamamo-lo para que o senhor oia as declarações do Quintas...

Tiramos da algibeira a carta que o Quintas nos dirigira e atalhámos:

—A Batalha não inventa...

—Está muito bem, ela condiz com este auto de declarações que o rapaz há pouco nos fez. Apenas, a coacção de que ele afirma ter sido vítima não foi de nossa parte—responde-nos o agente, ao mesmo tempo que ordena que tragam o preso ao gabinete.

Momentos depois aparece o Quintas, cabisbaixo, cor terrosa, cabelo desgrenhado. O agente José Augusto dirige-se-lhe:

—Conheces este senhor?

—Conheço, é da Batalha.

—Então, relata tudo que se te ofereça sobre a tua prisão. Fala à vontade.

E o operário Santos Quintas, pausadamente, com um grande assento de franqueza, diz:

—Há muitos meses que eu andava desempregado quasi esmolando trabalho pelas fábricas. Exausto, dispuz-me a uma última peregrinação. O resultado foi o mesmo. Quando regressava a casa, tive a infeliz sorte de encontrar pela frente o industrial Artur Silva. Turvei-me, puxei duma pistola que trazia e fiz fogo à fôa e de tal forma que, apesar de se dizer que o ferir no peito, mal o toques num braço.

—Fui preso e conduzido à esquadra, onde o chefe da polícia, sr. Trindade, depois de me aplicar um murro na boca, me disse: —Malandro; foi o Major quem te mandou executar o que fizeste.

—Pretendi protestar mas o chefe puxando a pistola apontou-ma dizendo: —Ou tu dizes que foi o João Maria Major que te deu a pistola e te mandou matar o sr. Silva ou então mato-te.

—Nisto o sr. Silva, que assistia ao interrogatório, pôs-me a mão sobre o ombro e garantiu-me que se eu culpasse o Major seria mandado em liberdade.

—O sr. Silva, dirigindo-se ao chefe Trindade, esfregou as mãos, dizendo:

—Agora sim; já que aproveitamos este facto para nos vermos livres desse bandido do Major!

—Atemorisai-me e dispuz-me a tudo só para que me não matassem.

—Então, e aqui no Governo Civil?

—Aqui voltei a ser interrogado...

—Tratámo-te mal?—interrompeu o agente José Augusto.

—Não senhor. Mas eu, ainda sob a pressão dos maus tratos que me deram em Setúbal, continuei a mentir, repetindo a lição que me tinham ensinado...

—E a acareação?—interrompeu ainda o agente.

—E' verdade. Eu não sei como pude ainda deante do João Maria Major acusado de meu cúmplice... menti... tinha medo...

—E agora, foi o remorso?

Santos Quintas fita-nos para logo baixar a cabeça e responde-nos amarguradamente:

—Sim, o remorso. Pesa-me na consciência o ter arrastado comigo um inocente. O que fiz foi de minha exclusiva responsabilidade... não consultei ninguém... ninguém me aconselhou... a pistola era minha...

—Então, só depois de dois meses é que você se lembrou de repor as coisas na verdade, quando já foi instaurado o processo e o Major, inocente como está, tem a sua sorte ligada à de você, tendo de aguardar na prisão o julgamento?

—Confesso: fui fraco, fui covarde, ésse é o meu maior crime.

Estavam terminadas as declarações do Quintas. Dele se apossou novamente o agente que o fora buscar ao calabouço para ali o reconduzir.

Despedimo-nos também e retirámo-nos malizadamente esta engrenagem infame que se cobre com os ouropéis duma justiça vesga, para a qual basta um conluio de meia dúzia de industriais odiados, o abuso dum bozal e mau chefe de polícia e a cobardia dum pobre diabo, que teve um momento de loucura provocado pela fome, para procurar, desleal e infamemente, aniquilar um adversário que prima pela lealdade e correcção.

E como tudo é possível nesta terra, não estranháremos se amanhã for condecorado, por abuso de autoridade, o chefe Trindade de Setúbal e continuarem impunes esses potentados que, à custa do suor dos seus escravos, subornam aqueles que os perseguem e vexam.

—Fui preso e conduzido à esquadra, onde o chefe da polícia, sr. Trindade, depois de me aplicar um murro na boca, me disse: —Malandro; foi o Major quem te mandou executar o que fizeste.

—Pretendi protestar mas o chefe puxando a pistola apontou-ma dizendo: —Ou tu dizes que foi o João Maria Major que te deu a pistola e te mandou matar o sr. Silva ou então mato-te.

—Nisto o sr. Silva, que assistia ao interrogatório, pôs-me a mão sobre o ombro e garantiu-me que se eu culpasse o Major seria mandado em liberdade.

—O sr. Silva, dirigindo-se ao chefe Trindade, esfregou as mãos, dizendo:

—Agora sim; já que aproveitamos este facto para nos vermos livres desse bandido do Major!

—Atemorisai-me e dispuz-me a tudo só para que me não matassem.

—Então, e aqui no Governo Civil?

—Aqui voltei a ser interrogado...

—Tratámo-te mal?—interrompeu o agente José Augusto.

—Não senhor. Mas eu, ainda sob a pressão dos maus tratos que me deram em Setúbal, continuei a mentir, repetindo a lição que me tinham ensinado...

—E a acareação?—interrompeu ainda o agente.

—E' verdade. Eu não sei como pude ainda deante do João Maria Major acusado de meu cúmplice... menti... tinha medo...

—E agora, foi o remorso?

Santos Quintas fita-nos para logo baixar a cabeça e responde-nos amarguradamente:

—Sim, o remorso. Pesa-me na consciência o ter arrastado comigo um inocente. O que fiz foi de minha exclusiva responsabilidade... não consultei ninguém... ninguém me aconselhou... a pistola era minha...

—Então, só depois de dois meses é que você se lembrou de repor as coisas na verdade, quando já foi instaurado o processo e o Major, inocente como está, tem a sua sorte ligada à de você, tendo de aguardar na prisão o julgamento?

—Confesso: fui fraco, fui covarde, ésse é o meu maior crime.

Estavam terminadas as declarações do Quintas. Dele se apossou novamente o agente que o fora buscar ao calabouço para ali o reconduzir.

Despedimo-nos também e retirámo-nos malizadamente esta engrenagem infame que se cobre com os ouropéis duma justiça vesga, para a qual basta um conluio de meia dúzia de industriais odiados, o abuso dum bozal e mau chefe de polícia e a cobardia dum pobre diabo, que teve um momento de loucura provocado pela fome, para procurar, desleal e infamemente, aniquilar um adversário que prima pela lealdade e correcção.

E como tudo é possível nesta terra, não estranháremos se amanhã for condecorado, por abuso de autoridade, o chefe Trindade de Setúbal e continuarem impunes esses potentados que, à custa do suor dos seus escravos, subornam aqueles que os perseguem e vexam.

A greve de Bombaim

LONDRES, 2.—Um telegrama do Conselho Geral dos Trade-Unions indícos diz que a greve de Bombaim continua mas que os operários começam a sofrer os rigores da fome e faz um apêlo para que lhes sejam enviados telegraficamente socorros monetários.

Há mais de 150.000 operários em greve. A situação tornou-se ainda mais crítica desde que numerosos trabalhadores foram expulsos das suas habitações, pertencentes aos proprietários das fábricas.

Mussolini, inventor de atentados...

A ameaça contra a Maçonaria e a dissolução do partido socialista

ROMA, 6.—Um comunicado oficial da ontem à noite, anuncia a descoberta duma conspiração contra a vida de Mussolini, devendo o atentado ser realizado durante a comemoração da vitória de Albergro, junto da Praça de Colónia, por meio dum tiro de espingarda disparado das janelas da residência do ex-deputado socialista Zani Boni, que se encontra já detido.

Foi igualmente detido em Torino o general Capelo, quando se preparava para atravessar a fronteira, o qual se acha implicado na conjura.

O governo ordenou a ocupação de todas as lojas maçónicas do reino e das colónias, o encerramento da sede, a dissolução do partido socialista unitário e a suspensão de jornal «Justitia».

BERLIM, 6.—O «Vorwärts» considera o atentado contra Mussolini como um «coup de theatre» para poder agir contra a oposição.

N. R.—O atentado não deve passar dum «truco» do fascismo para se firmar no poder. Não se trata dum atentado da Maçonaria e do partido socialista contra Mussolini, mas do ditador italiano contra aquelas entidades.

O fascismo tem sede de sangue e vai sacrar-se novamente como pretexto, teatro que inventou.

Um esclarecimento

Pede-nos o agente sr. José Augusto que esclareçamos não ter sido a brigada da P. S. E. quem agrediu, conforme A Batalha referiu, um operário na Avenida da Liberdade, mas sim a brigada especial da Polícia de Segurança.

O abandono de Marrocos

UM CRIME SENSACIONAL

As contradições de Le Flaoutter e o depoimento de Lannes

O processo Daudet continua a ser uma espécie de «film» dramático, dividido habitualmente em vários episódios.

Em cada uma das audiências precedentes deram-se casos inesperados. Esta, cujo resumo vamos dar, também teve a sua parte interessante: Soube-se que tinha sido encontrado o anarquista Gruffy, o misterioso Gruffy, em casa de quem Felipe Daudet, duas noites antes de morrer, dormira e deixara os seus fatos.

O testemunho de Gruffy era do mais alto interesse para o processo, mas este, desde o início do drama, desaparecera e nunca pudera descobrir-se onde ele se encontrava.

Gruffy foi descoberto em Gênova, mas como não existe extradição para estes casos, o governo italiano só o enviara para França depois de Gruffy estar munido dum salvo conduto, graças ao qual, depois de ter feito o seu depoimento, poderá voltar para Itália.

Um mistério...

A primeira testemunha a ser ouvida é Duval, um encadernador, cliente de Le Flaoutter que, na tarde de 24 de Novembro de 1923, ficou na loja desde as 14,30 até às 17 horas, a ler vários livros.

Pouco mais ou menos às 16 horas Duval notou a entrada da livraria um rapaz a quem não prestou atenção. Esse rapaz passou por detrás dele, entrou no interior da loja e algum tempo depois saiu.

A testemunha que parece ser de boa fé, pouco mais sabe.

Foi nessa tarde que o sr. Duval ouviu a sr. Le Flaoutter dizer, olhando para a rua: — Olhem para aquilo! Prendem aquele e vão deixar escapar o que devia ser preso.

O presidente interroga: — Foi no momento em que o rapaz saía, que a sr. Le Flaoutter disse isso?

— Não posso precisar.

— Como se compreende que a testemunha só se lembre da ida e vinda dum único pessoa, quando os policiais afirmam ter visto entrar e sair cerca de trinta a cinquenta pessoas?

Duval não pode explicar essa contradição, não se lembra de mais nada.

E' introduzida a testemunha Sacchi, um cliente de Le Flaoutter que obteve várias confidências do livreiro e as comunicou a Action Française.

Pouco depois do crime, Sacchi pedira a Le Flaoutter para o deixar examinar a cave.

— Ao princípio após algumas dificuldades, diz a testemunha, mas como eu insistisse mostrou-me o quarto e a cozinha. No momento, porém, em que eu quis entrar na retrete-puchum-me para traz, todo assustado.

— Disse-me mais tarde que não me tinha lá deixado entrar porque, precisamente nesse momento, a sua mulher estava a fazer a «toilette». Ora nesta época, quer dizer em agosto de 1924, a sr. Le Flaoutter encontrava-se na Bretanha!

A propósito dum pergunta de Leon Daudet, a testemunha afirma que no dia 16 de janeiro de 1924, dia da publicação do artigo acusador da Action Française, Le Flaoutter andava com um ar atemorizado.

— Nunca o tinha visto em tal estado! — diz Sacchi.

Segue-se um pequeno incidente entre Daudet, o advogado e Sacchi, mas os ânimos serenam depressa.

Aparece Lannes à barra, que começa por dizer o que se passou no dia 24 de Novembro entre ele e Le Flaoutter e que nós já conhecemos: a visita do livreiro à hora do almoço, o que este lhe contou sobre a confissão de Felipe Daudet em querer matar um político em evidência, etc.

A testemunha conta em seguida o que fez nesse dia. Comunicou a informação ao sr. Marlier, depois foi para casa. No dia seguinte Le Flaoutter veio visitá-lo outra vez e mostrou-lhe o «eco» da Action Française relatando o suicídio do desconhecido.

Lannes relata os factos pouco mais ou menos como o livreiro o fez no momento do seu depoimento e as suas afirmações pouco ou nada adiantaram.

A maior parte da audiência de 3 do corrente do processo de Daudet foi ocupada pelo depoimento de sr. Marlier, ex-director da segurança geral.

Como o de Lannes, na audiência antecedente, o depoimento de Marlier em nada esclareceu o mistério que existe sobre a morte de Felipe Daudet.

No entanto esta sessão correu bastante agitada em virtude das acusações formuladas publicamente contra a polícia e que a imprensa francesa omite na quasi totalidade.

A «honradez» do sr. Lannes

A primeira testemunha a depor nesta audiência é o sr. Aubert Bourgin, professor do Liceu Louis-le-Grand e secretário geral da Liga Cívica.

Bourgin não acredita no suicídio do jovem Felipe Daudet. Depois de várias considerações, o professor fala de Lannes. As suas afirmações são dignas de registo para que o público conheça a mentalidade deste chefe de polícia, que no fim de contas não é mais do que o prototipo de todos os polícias.

— O sr. Lannes, diz a testemunha, prendeu extraordinariamente a minha atenção. Este senhor foi funcionário em Moulins e em Clermont-Ferrand. Ora, a família de minha mulher é originária destes sítios. Um ex-administrado de Lannes, com quem eu falei recentemente sobre este assunto, disse-me: «Lannes? É capaz de tudo!»

— Sei também que este chefe de polícia cometeu em Moulins um roubo de selos raros pertencentes a uma colecção e que «desviou» alguns livros da biblioteca municipal.

— Estes factos, aliás, foram divulgados por um artigo da Action Française, no dia 19 de Julho passado e o sr. Lannes não protestou...

Estas acusações não são de molde a agradar aqueles que representam a «Justiça» naquela sala. O ambiente é terrível. A maior parte do público sorri ironicamente.

O juiz, em virtude da gravidade daquelas declarações, manda chamar Lannes. Perante ele a testemunha repete o que acabou de dizer.

O chefe da polícia abre os braços, fazendo um grande gesto de surpresa.

— Eu não esperava uma acusação de tal natureza e não compreendo o que ela vem trazer aos debates... Enfim!

O juiz interroga Bourgin: — Quem foi vítima desses roubos?

— Uns amigos dos meus sogros.

O advogado geral ergue-se: — Sr. Bourgin, o senhor deve dizer à Justiça como eles se chamam.

— Constatel, Jette, Menetrier!

O público não pode esconder o seu espanto.

Por fim, o juiz, verdadeiramente atarantado, pergunta ao professor: — O senhor tem a consciência da gravidade das suas acusações?

— A plena consciência, senhor juiz!

— O chefe da polícia abre os braços, fazendo um grande gesto de surpresa.

— Eu não esperava uma acusação de tal natureza e não compreendo o que ela vem trazer aos debates... Enfim!

O juiz interroga Bourgin: — Quem foi vítima desses roubos?

— Uns amigos dos meus sogros.

O advogado geral ergue-se: — Sr. Bourgin, o senhor deve dizer à Justiça como eles se chamam.

— Constatel, Jette, Menetrier!

O público não pode esconder o seu espanto.

Por fim, o juiz, verdadeiramente atarantado, pergunta ao professor: — O senhor tem a consciência da gravidade das suas acusações?

— A plena consciência, senhor juiz!

O chefe da polícia abre os braços, fazendo um grande gesto de surpresa.

— Eu não esperava uma acusação de tal natureza e não compreendo o que ela vem trazer aos debates... Enfim!

O juiz interroga Bourgin: — Quem foi vítima desses roubos?

— Uns amigos dos meus sogros.

O advogado geral ergue-se: — Sr. Bourgin, o senhor deve dizer à Justiça como eles se chamam.

— Constatel, Jette, Menetrier!

O público não pode esconder o seu espanto.

Por fim, o juiz, verdadeiramente atarantado, pergunta ao professor: — O senhor tem a consciência da gravidade das suas acusações?

— A plena consciência, senhor juiz!

O chefe da polícia abre os braços, fazendo um grande gesto de surpresa.

— Eu não esperava uma acusação de tal natureza e não compreendo o que ela vem trazer aos debates... Enfim!

O juiz interroga Bourgin: — Quem foi vítima desses roubos?

— Uns amigos dos meus sogros.

O advogado geral ergue-se: — Sr. Bourgin, o senhor deve dizer à Justiça como eles se chamam.

— Constatel, Jette, Menetrier!

O público não pode esconder o seu espanto.

Por fim, o juiz, verdadeiramente atarantado, pergunta ao professor: — O senhor tem a consciência da gravidade das suas acusações?

— A plena consciência, senhor juiz!

O chefe da polícia abre os braços, fazendo um grande gesto de surpresa.

— Eu não esperava uma acusação de tal natureza e não compreendo o que ela vem trazer aos debates... Enfim!

O juiz interroga Bourgin: — Quem foi vítima desses roubos?

— Uns amigos dos meus sogros.

O advogado geral ergue-se: — Sr. Bourgin, o senhor deve dizer à Justiça como eles se chamam.

— Constatel, Jette, Menetrier!

O público não pode esconder o seu espanto.

Por fim, o juiz, verdadeiramente atarantado, pergunta ao professor: — O senhor tem a consciência da gravidade das suas acusações?

— A plena consciência, senhor juiz!

O chefe da polícia abre os braços, fazendo um grande gesto de surpresa.

— Eu não esperava uma acusação de tal natureza e não compreendo o que ela vem trazer aos debates... Enfim!

O juiz interroga Bourgin: — Quem foi vítima desses roubos?

— Uns amigos dos meus sogros.

O advogado geral ergue-se: — Sr. Bourgin, o senhor deve dizer à Justiça como eles se chamam.

— Constatel, Jette, Menetrier!

O público não pode esconder o seu espanto.

Por fim, o juiz, verdadeiramente atarantado, pergunta ao professor: — O senhor tem a consciência da gravidade das suas acusações?

— A plena consciência, senhor juiz!

O chefe da polícia abre os braços, fazendo um grande gesto de surpresa.

— Eu não esperava uma acusação de tal natureza e não compreendo o que ela vem trazer aos debates... Enfim!

O juiz interroga Bourgin: — Quem foi vítima desses roubos?

— Uns amigos dos meus sogros.

O advogado geral ergue-se: — Sr. Bourgin, o senhor deve dizer à Justiça como eles se chamam.

— Constatel, Jette, Menetrier!

O público não pode esconder o seu espanto.

Por fim, o juiz, verdadeiramente atarantado, pergunta ao professor: — O senhor tem a consciência da gravidade das suas acusações?

— A plena consciência, senhor juiz!

O chefe da polícia abre os braços, fazendo um grande gesto de surpresa.

— Eu não esperava uma acusação de tal natureza e não compreendo o que ela vem trazer aos debates... Enfim!

O juiz interroga Bourgin: — Quem foi vítima desses roubos?

— Uns amigos dos meus sogros.

O advogado geral ergue-se: — Sr. Bourgin, o senhor deve dizer à Justiça como eles se chamam.

— Constatel, Jette, Menetrier!

O público não pode esconder o seu espanto.

Por fim, o juiz, verdadeiramente atarantado, pergunta ao professor: — O senhor tem a consciência da gravidade das suas acusações?

— A plena consciência, senhor juiz!

O chefe da polícia abre os braços, fazendo um grande gesto de surpresa.

— Eu não esperava uma acusação de tal natureza e não compreendo o que ela vem trazer aos debates... Enfim!

O juiz interroga Bourgin: — Quem foi vítima desses roubos?

— Uns amigos dos meus sogros.

O advogado geral ergue-se: — Sr. Bourgin, o senhor deve dizer à Justiça como eles se chamam.

— Constatel, Jette, Menetrier!

O público não pode esconder o seu espanto.

Por fim, o juiz, verdadeiramente atarantado, pergunta ao professor: — O senhor tem a consciência da gravidade das suas acusações?

— A plena consciência, senhor juiz!

O chefe da polícia abre os braços, fazendo um grande gesto de surpresa.

— Eu não esperava uma acusação de tal natureza e não compreendo o que ela vem trazer aos debates... Enfim!

O juiz interroga Bourgin: — Quem foi vítima desses roubos?

— Uns amigos dos meus sogros.

O advogado geral ergue-se: — Sr. Bourgin, o senhor deve dizer à Justiça como eles se chamam.

— Constatel, Jette, Menetrier!

O público não pode esconder o seu espanto.

Por fim, o juiz, verdadeiramente atarantado, pergunta ao professor: — O senhor tem a consciência da gravidade das suas acusações?

— A plena consciência, senhor juiz!

O chefe da polícia abre os braços, fazendo um grande gesto de surpresa.

— Eu não esperava uma acusação de tal natureza e não compreendo o que ela vem trazer aos debates... Enfim!

O juiz interroga Bourgin: — Quem foi vítima desses roubos?

— Uns amigos dos meus sogros.

O advogado geral ergue-se: — Sr. Bourgin, o senhor deve dizer à Justiça como eles se chamam.

— Constatel, Jette, Menetrier!

O público não pode esconder o seu espanto.

Por fim, o juiz, verdadeiramente atarantado, pergunta ao professor: — O senhor tem a consciência da gravidade das suas acusações?

— A plena consciência, senhor juiz!

O chefe da polícia abre os braços, fazendo um grande gesto de surpresa.

— Eu não esperava uma acusação de tal natureza e não compreendo o que ela vem trazer aos debates... Enfim!

O juiz interroga Bourgin: — Quem foi vítima desses roubos?

— Uns amigos dos meus sogros.

O advogado geral ergue-se: — Sr. Bourgin, o senhor deve dizer à Justiça como eles se chamam.

— Constatel, Jette, Menetrier!

O público não pode esconder o seu espanto.

Por fim, o juiz, verdadeiramente atarantado, pergunta ao professor: — O senhor tem a consciência da gravidade das suas acusações?

— A plena consciência, senhor juiz!

O chefe da polícia abre os braços, fazendo um grande gesto de surpresa.

— Eu não esperava uma acusação de tal natureza e não compreendo o que ela vem trazer aos debates... Enfim!

O juiz interroga Bourgin: — Quem foi vítima desses roubos?

— Uns amigos dos meus sogros.

O advogado geral ergue-se: — Sr. Bourgin, o senhor deve dizer à Justiça como eles se chamam.

— Constatel, Jette, Menetrier!

O público não pode esconder o seu espanto.

Por fim, o juiz, verdadeiramente atarantado, pergunta ao professor: — O senhor tem a consciência da gravidade das suas acusações?

— A plena consciência, senhor juiz!

O chefe da polícia abre os braços, fazendo um grande gesto de surpresa.

— Eu não esperava uma acusação de tal natureza e não compreendo o que ela vem trazer aos debates... Enfim!

O juiz interroga Bourgin: — Quem foi vítima desses roubos?

— Uns amigos dos meus sogros.

O advogado geral ergue-se: — Sr. Bourgin, o senhor deve dizer à Justiça como eles se chamam.

— Constatel, Jette, Menetrier!

O público não pode esconder o seu espanto.

Por fim, o juiz, verdadeiramente atarantado, pergunta ao professor: — O senhor tem a consciência da gravidade das suas acusações?

— A plena consciência, senhor juiz!

O chefe da polícia abre os braços, fazendo um grande gesto de surpresa.

— Eu não esperava uma acusação de tal natureza e não compreendo o que ela vem trazer aos debates... Enfim!

O juiz interroga Bourgin: — Quem foi vítima desses roubos?

— Uns amigos dos meus sogros.

O advogado geral ergue-se: — Sr. Bourgin, o senhor deve dizer à Justiça como eles se chamam.

— Constatel, Jette, Menetrier!

O público não pode esconder o seu espanto.

Por fim, o juiz, verdadeiramente atarantado, pergunta ao professor: — O senhor tem a consciência da gravidade das suas acusações?

— A plena consciência, senhor juiz!

O chefe da polícia abre os braços, fazendo um grande gesto de surpresa.

— Eu não esperava uma acusação de tal natureza e não compreendo o que ela vem trazer aos debates... Enfim!

O juiz interroga Bourgin: — Quem foi vítima desses roubos?

— Uns amigos dos meus sogros.

O advogado geral ergue-se: — Sr. Bourgin, o senhor deve dizer à Justiça como eles se chamam.

— Constatel, Jette, Menetrier!

O público não pode esconder o seu espanto.

Por fim, o juiz, verdadeiramente atarantado, pergunta ao professor: — O senhor tem a consciência da gravidade das suas acusações?

— A plena consciência, senhor juiz!

O chefe da polícia abre os braços, fazendo um grande gesto de surpresa.

— Eu não esperava uma acusação de tal natureza e não compreendo o que ela vem trazer aos debates... Enfim!

O juiz interroga Bourgin: — Quem foi vítima desses roubos?

— Uns amigos dos meus sogros.

O advogado geral ergue-se: — Sr. Bourgin, o senhor deve dizer à Justiça como eles se chamam.

— Constatel, Jette, Menetrier!

O público não pode esconder o seu espanto.

Por fim, o juiz, verdadeiramente atarantado, pergunta ao professor: — O senhor tem a consciência da gravidade das suas acusações?

— A plena consciência, senhor juiz!

O chefe da polícia abre os braços, fazendo um grande gesto de surpresa.

— Eu não esperava uma acusação de tal natureza e não compreendo o que ela vem trazer aos debates... Enfim!

O juiz interroga Bourgin: — Quem foi vítima desses roubos?

— Uns amigos dos meus sogros.

O advogado geral ergue-se: — Sr. Bourgin, o senhor deve dizer à Justiça como eles se chamam.

— Constatel, Jette, Menetrier!

O público não pode esconder o seu espanto.

Por fim, o juiz, verdadeiramente atarantado, pergunta ao professor: — O senhor tem a consciência da gravidade das suas acusações?

— A plena consciência, senhor juiz!

O chefe da polícia abre os braços, fazendo um grande gesto de surpresa.

— Eu não esperava uma acusação de tal natureza e não compreendo o que ela vem trazer aos debates... Enfim!

O juiz interroga Bourgin: — Quem foi vítima desses roubos?

— Uns amigos dos meus sogros.

O advogado geral ergue-se: — Sr. Bourgin, o senhor deve dizer à Justiça como eles se chamam.

— Constatel, Jette, Menetrier!

O público não pode esconder o seu espanto.

Por fim, o juiz, verdadeiramente atarantado, pergunta ao professor: — O senhor tem a consciência da gravidade das suas acusações?

— A plena consciência, senhor juiz!

O chefe da polícia abre os braços, fazendo um grande gesto de surpresa.

— Eu não esperava uma acusação de tal natureza e não compreendo o que ela vem trazer aos debates... Enfim!

O juiz interroga Bourgin: — Quem foi vítima desses roubos?

— Uns amigos dos meus sogros.

O advogado geral ergue-se: — Sr. Bourgin, o senhor deve dizer à Justiça como eles se chamam.

— Constatel, Jette, Menetrier!

O público não pode esconder o seu espanto.

Por fim, o juiz, verdadeiramente atarantado, pergunta ao professor: — O senhor tem a consciência da gravidade das suas acusações?

— A plena consciência, senhor juiz!

O chefe da polícia abre os braços, fazendo um grande gesto de surpresa.

MARCO POSTAL

Silves. — Augusto Passarinho. — Recebemos 23500. Assinatura paga até 22 de julho. p. p. O dinheiro de que fala, para os livros, não recebemos.

Cascais. — S. U. dos Operários da Indústria de Conservas. — Recebemos o ofício mas não veio. E' favor enviá-lo com urgência.

Agenda de A BATALHA

CALENDÁRIO DE NOVEMBRO

Q.	11	18	25	HOJE O SOL
Q.	12	19	26	Aparece às 7,10
S.	13	20	27	Desaparece às 17,31
S.	14	21	28	
D.	15	22	29	FAZESDA LUZ
S.	16	23	30	Q.M. 8 15,33
T.	17	24	—	L.N. 16 6,58
				Q.C. 25 2,66

MARES DE HOJE

Praiamar às 6,50 e às 7,17
Baixamar às ... e às 0,20

CAMBÍOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		95325
Madrid cheque		2882
Paris, cheque...		831
Suiza, cheque...		3870
Bruxelas cheque		889
New-York, ...		19665
Amsterdão ...		7592
Itália, cheque...		578
Brasil, ...		3300
Praga, ...		359
Suécia, cheque...		5827
Austria, cheque		2578
Berlim, ...		4569

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Nacional. — As 21. — "Miragem".
São Carlos. — As 21.15. — "A Rajada".
Politeama. — As 21.30. — "Zilzila".
Lipolo. — As 21.15. — "O Saltimbanco".
Gimnástico. — Não há espectáculo.
São Luís. — As 21. — "A Montaria" e "Canção do Olvido".

Libertalia. — As 21.15. — "O Pão de Ló".
Eden. — As 21.15. — "No país de tirismos".
Marta Vitoria. — As 20.50 e 22.30. — "Rataplan".
Coliseu. — As 21. — Companhia de circo.
Santo 305. — Animatógrafo e Variedades.
Gili Vicente (a Graça). — As 20. — Animatógrafo.
Trenúcia (a Graça). — Todas as noites. Concertos e diversões.

CINEMAS

Tivoli. — Olympia. — Central. — Condes. — Chiado Terrace. — Ideal. — Arco Bandeira. — Promotora. — Esperança. — Tortoise. — Cine Paris.

Caminhos de Ferro do Estado

DIRECÇÃO DO SUL E SUESTE

AVISO AO PÚBLICO

caixa de remessas retardadas e outros volumes existentes nas linhas do Sul e Sueste

Faz-se público que no dia 9 e seguintes do mês de novembro próximo futuro, pelas 11 horas e na estação do Barreiro, proceder-se há a venda em hasta pública, em harmonia com o artigo 144.º da Tarifa Geral, de todas as remessas incursas nos respectivos prazos, bem como de outros volumes não reclamados.

Avisa-se, portanto, os respectivos consignatários de que poderão ainda retirar as suas remessas pagando os débitos à Administração, para o que deverão dirigir-se à Secção do Tráfego e Reclamações, no edifício da Direcção em Lisboa, todos os dias úteis até ao dia 7 do mesmo mês, das 11 às 16 horas.

Entre outras, encontram-se as seguintes remessas:

N.º 80.559, de Lisboa-J a Setúbal, 10 caixas com folha; n.º 81.407, de Lisboa-J a Setúbal, 2 tambores de carbureto; n.º 3.928, de Lagos a Lisboa-J, 5 barricas com corvina; n.º 32.950, de Olhão a Lisboa-J, 4 sacos de açúcar e 8 de arroz; n.º 28.723, de V. Novas a Barreiro, 1 vagão de palha; n.º 22.324, de Martingança a Faro, 4 barricas de cimento; n.º 69.063, de Lisboa-S. A. a Alcácer, uma quartola com peixe; n.º 83.590, de Setúbal a Lisboa-J, 26 sacos de feijão e 5 caixas de mercaderias; n.º 65.753, de Pombal a Setúbal, 62 pacotes de madeira, etc.

Sobre a importância da arrematação cobrar-se há mais 3 %.

Lisboa, 26 de outubro de 1925. — Pelo engenheiro-director, José de Jesus Pires.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS

livro útil às boas donas de casa. Preço 2800; pelo correio, 2850. Pedidos á administração de A Batalha.

A sair por estes dias a 8.ª SERIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profundamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até á revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6500.

A obra mais barata que no género se publica

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço 5800.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço, 2550.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço 5500.

A Revolução em Portugal, comunista? socialista? libertária? sindicalista? — Coligação das esquerdas — A transformação da República, por Campos Lima. Preço 6500.

O Primeiro Congresso Feminista e de Educação (ilustrado), por Arnaldo Brasão. Preço 10500.

A Ceia dos Pobres (episódio dramático em verso), por Campos Lima. Preço 2500.

Sendas de Lirismo e de Amor (novelas), por Ferreira de Castro. Preço 8500.

Os Três Milagres do Convento (contos), por António Passos. Preço 5500.

A História do Movimento Macnovista (Revolução dos camponeses na Rússia dos Soviéticos), por Archinoff. Preço 10500.

A' venda em todas as livrarias e na administração de A Batalha. — (Desconto aos revendedores).

DR. ARMANDO NARCISO

Médico do Hospital de Santa Maria

CLÍNICA MÉDICA

Consultório: — Travessa Nova de S. Domingos, 6 (à Rua do Amparo)

Residência: — Rua Nogueira e Sousa, 17 (ao Luciano Cordeiro)

Renovação

Revista Gráfica

A 1 e 15 de cada mês

Preço rec. 1,50

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10 %

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora 20800

Sapatos para rapaz 18800

Botas pretas (grande saldo) 48800

Botas brancas (saldo) 28800

Grande saldo de botas pretas 68800

Botas de couro para homem 40800

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com outra casa.

Ver bem, pois só lá encontra bom e barato.

A Social Operaria é na rua dos Cavaleiros, 18-24, com Filial na mesma rua, n.º 69.

!! SENHORAS !!

Garantia absoluta contra as perturbações que a gravidez possa causar

Usai os "Ovules Sterelísatrics" Z. O. L.

Enviam-se instruções pelo correio em carta fechada

A' venda no depositário geral para Portugal e Colónias — Fernando da Silva, 188, Rua da Madalena, 190, e na Farmácia Mendes Braga, 133, Rua do Mundo, 135; Farmácia Portugal, Rua Augusta, 218, e no Porto: Farmácia Central de Salgado Lencart, Rua 31 de Janeiro, 202.

Um livro sensacional

Quereis saber o que é o bolchevismo russo como reacção contra o espirito revolucionário?

Lêde o impressionante livro de Archinoff

A HISTÓRIA DO MOVIMENTO MACNOVISTA

em que se descreve com todo o rigor e exactidão a revolução dos camponeses esmagada pelo governo dos soviéticos.

UM GROSSO VOLUME Esc. 10500

A' venda em todas as livrarias e na administração de A Batalha.

Desconto aos revendedores.

REUMATISMO

Sifilítico, Blenorragico, Gotoso, Articular, Artrítico, Muscular

"Reumatina"

24 horas depois não tem mais dores

"Reumatina"

E' inofensiva porque não exige dieta

Preço \$800

"Reumatina"

Vende-se em todas as boas farmácias e drogarias

Pó Anti-blenorrágico

E' o mais poderoso combatente das blenorragias crónicas e recentes. Resultados imediatos e comprovados pelo distinto médico operador dr. sr. Cristiano de Moraes.

Caixa 10500

Depósito Geral:

A. Costa Coelho

Bomjardim, 440 — PORTO

Lêde o Suplemento de A BATALHA

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 98

Telefone N. 5353

Medicina, coração e pulmões — Dr. Armando Narciso — As 4 horas.

Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Vilar — 4 horas.

Fine, vias urinárias — Dr. Miguel Magalhães — 10 horas.

Fele e sífilis — Dr. Correia Figueiredo — 11 e 12 horas.

Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Loff — 4 horas.

Doenças dos olhos — Dr. Mario de Matos — 2 horas.

Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Mario Oliveira — 4 horas.

Estômago e intestinos — Dr. Mendes Belo — 3 horas.

Doenças das senhoras — Dr. Emilio Paiva — 2 horas.

Tratamento de diabetes — Dr. Ernesto Roua — 3 horas.

Eoca e dentes — Dr. Armando Lima — 12 h.

Cancro e radio — Dr. Cabral de Melo — 4 horas.

Reio X — Dr. José de Pádua — 4 horas.

Análises — D. Gabriela Beato — 4 horas.

Sapataria Ideal Campolidense

de João da Costa Campos

Rua General Taborda, 9-B.

e Rua Conde das Antas, 108

Esta casa recomenda-se pelos seus preços muito económicos e pela solididade do calçado que vende.

Pois fabrica tudo que vende, grandes descontos para revenda.

Visitem este estabelecimento e comparem as suas condições de venda, pedidos ao Telefone Norte 5.509

A todos os sindicatos operários do país

Estando já a compor-se o ALMANAQUE DE A BATALHA para 1926, no qual se pretende inserir uma lista, o mais completa possível, de todos os organismos existentes no país, pedimos a todos os sindicatos que preencham o questionário abaixo imediatamente e o envie á nossa administração, pois as respostas que vierem depois do dia 10 do corrente não poderão já ser incluídas no Almanaque do próximo ano.

QUESTIONÁRIO

Título do Sindicato _____

Sede _____

Data da fundação: dia _____ de _____ do ano de _____

Tem escola? _____ Para crianças? _____ Para adultos? _____

indicar a quantidade de alunos).

População associativa:

homens _____

mulheres _____

Mais sindicatos instalados na sua sede _____

ou na mesma localidade (freguesia ou concelho): Títulos e sedes: _____

Sindicatos da mesma especialidade ou indústria noutras terras do país: Títulos e sedes: _____

A's duas últimas perguntas basta que se indiquem os sindicatos que não estejam federados ou não tenham federação de indústria.

Este questionário deve ser cortado e depois de preenchido enviado em envelope aberto com estampilha de 15 centavos; vindo acompanhado de ofício, em carta fechada com a estampilha de 40 centavos.

Este questionário deve trazer o carimbo do sindicato

Valério, Lopes & Ferreira, L.ª

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metais, cutelarias, talheres, louça esmaltada, parafusos, fundidos para cadeiras, guarnições para móveis

Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fila, etc.

14, R. DO AMPARO, 86-11500 — TELE. fons. 3930, N. gramas, FERRAGENS

Os Mistérios do Povo

— Uma vassalla resgatou a corôa ao descendente dos reis francos.

A Inglaterra, a Igreja, a cavalaria francesa, Carlos VII e o seu conselho, todos tem interesse que a Donzela seja queimada viva... E será assada, ainda que eu próprio tenha de acender a fogueira!

O bispo Cauchon, rindo... E' demasiado zelo, cônego! A dossa santa madre Igreja, na sua misericórdia infinita, manda as pessoas á fogueira, mas não as queimam com as suas mãos maternais; a execução diz respeito ao poder secular...

«Ora, graças ao seu concurso espiritual, assim há-de suceder com Joana; ela será assada como herética reincentente, e a Igreja católica mostrar-se há até ao fim cheia de clemência para com a impenitente. O nosso triunfo terá consequências de uma extrema importância nas quais o senhor nem sequer pensa. Joana tornar-se-há, até mesmo aos olhos dos seus partidários, a mais desprezível das criaturas... Nós queimamos-lhe o corpo e aviltamos-la para sempre.

O cônego Loysleir. — Então de que maneira, senhor? Não compreendo bem...

O bispo Cauchon. — Amanhã lhe provarei o que agora avanço; procuremos também que partido poderemos tirar para os nossos fins, da espantadice castidade dessa endiabrada rapariga, visto que, Deus me perdoe, ela ainda está virgem. Porém a noite adianta-se, vá tomar algumas horas de repouso, meu filho; é preciso que amanhã, ao romper da alva, se ache doente e lastimoso, acorrentado de pés e mãos, deitado sobre a palha na prisão de Joana.

O cônego sae, o bispo fica sósinho ocupado a preparar as diferentes peças do processo e a formular uma série de questões baseados nos actos e nas palavras de Joana a Donzela.

Ainda é noite escura; uma lâmpada alumia debilmente as trevas do cárcere subterrâneo da velha torre do castelo de Ruão; as suas paredes esverdeadas gozejam da humidade do inverno: uma estreita abertura,

CLINICA DO CHIADO

RUA GARRETT, 71, 1.ª

TELEPHONE C. 4150

Doenças venéreas

Para as classes pobres. Das 12 às 14 h.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 17 desta revista intitulada Amor malido, de Federico Urales. Preço, \$50. — Pedidos á administração de A Batalha.

LIMAS NACIONAIS

Só a grande falta de propaganda tem dado lugar a que ainda hoje se chamem em Portugal limas estrangeiras, visto que as limas nacionais, produzidas em Portugal, são de primeira qualidade.

Experimentem, pois, as vossas limas que se encontram á venda em todos os bons estabelecimentos de ferragem do país.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metel Auer, assim como rodas de engrenagem, tubos, molas, chameças de j. e peças, lampões. Vendem-se no Largo Conde Barão, n.º 55 e 56 e 57, e 58, e 59, e 60, e 61, e 62, e 63, e 64, e 65, e 66, e 67, e 68, e 69, e 70, e 71, e 72, e 73, e 74, e 75, e 76, e 77, e 78, e 79, e 80, e 81, e 82, e 83, e 84, e 85, e 86, e 87, e 88, e 89, e 90, e 91, e 92, e 93, e 94, e 95, e 96, e 97, e 98, e 99, e 100.

Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste

AVISO AO PÚBLICO

TRANSPORTE DE MÁRMORE

Bônus

Faz-se público que, por despacho ministerial de 17 de setembro de 1925, foi esta Direcção autorizada a conceder um bônus de 25 % sobre os preços de transporte, aos expedidores que, em seu nome e dentro de cada ano económico, tiverem transportado, ao abrigo da Tarifa Especial Interna n.º 1 de P. V., 5.000 toneladas ou mais da mercadoria acima indicada.

Para a formação das 5.000 toneladas ou mais, consideram-se os pesos que tiverem servido de base para a taxa de transporte.

Para a concessão deste bônus é indispensável a apresentação das cartas de porte, todas devidamente relacionadas, as quais deverão ser remetidas ao Serviço de Fiscalização e Estatística desta Direcção até ao dia 30 de setembro de cada ano.

N. B. — As remessas já transportadas desde 1 de julho do corrente ano, são contadas para o efeito do bônus a conceder no ano económico em decurso.

Lisboa, 22 de outubro de 1925. — O engenheiro-director, Plínio Silva.

Uma dedicada

camarada professora precisa duma auxiliar, instruída, de meia idade, para a ajudar na aula e nos serviços caseiros. Será tratada como pessoa de família. Resposta para a administração deste jornal, com as iniciais F. A. M.

Livros em espanhol

A' venda na administração de A BATALHA

Mi Comunismo, Sebastião Faure	10500
La Revolucion Social em Francia, Miguel Bakunine (2 volumes)	20500
Cartas a uma mulher sobre la anarquia, Luiz Fabri	2550
La Ukrania revolucionária, Agustin Soucy	1550
Anarquismo y organización, Rodolfo Rocker	1500
Entre campesinos, E. Malatesta	1500
En Ukrania, Rudenko	1500
Miguel Bakunine, J. Guillaume	1500
Los anarquistas (Estudio e replica) Lombroso y Mella	5500
Errico Malatesta, Max Nettlau	6500
Artistas y Rebeldes, R. Rocker	9500
Nicolas, Romain Rolland	4500
Soviet o Dictadura 2, Varin	1550
El Estado moderno, Kropotkin	5500
Dictadura y Revolucion, Luiz Fabri	10500
Bolshevismo y Anarquismo, Rodolfo Rocker	1500
Problemas universitários, Leão O. Leno	1500
La Revolucion, José Torralvo	1500
Dios y el Estado, M. Bakunine	3500
Paginas seletas, Multatuli	3500
Ensayos y Conferencias, Pedro Gori	3500
Dos años en Russia, E. Goldman	2500
Quinet, Falaz	10500
La pena de muerte, G. Alomar	1500
El Teatro del Pueblo, V. de Pedro	1500
El Teatro del Pueblo, por Valentin Pedro	1500
Accion Directa, por Angel Pestaluna	1500

